

Humildisimo y fidelissimo esclavo: a figura do escravo na crítica à sociedade corporativa

Sofia Valdez Tûma

Uma profusão de estudos históricos sobre os escravos surgiu nas últimas décadas. Dedicam-se sobretudo ao conhecimento e análise do tráfico de escravos e escravatura, com particular interesse pelas condições de aquisição, transporte, produtividade, além dos mais diversos aspectos da vida quotidiana, abarcando ainda situações de revolta ou motins.

Esta comunicação pretende dar a conhecer uma outra perspectiva, realçando a importância conceptual do escravo como figura de alteridade e inspiradora na evolução do pensamento político ocidental. Nesta óptica, o escravo não se define como aquele que foi *justamente* capturado ou vive em cativeiro por pertencer a um povo bárbaro, infiel, selvagem ou “incivilizado”, mas diz antes respeito aos povos e indivíduos no seio da própria Cristandade. A reflexão, entre outras, sobre a figura do escravo e a escravatura permitirá a diversos humanistas fazer uma crítica à sociedade corporativa vigente com a intenção de criar um novo sistema político de carácter individualista e contratual.

A manutenção da ordem na vida comunitária e a coesão da sociedade corporativa do Antigo Regime foi descrita como o resultado de laços amorosos e de mecanismos associados aos afectos que activavam uma série de deveres e obrigações (Pedro Cardim). Estamos perante uma sociedade regida por uma ética de serviço e de reverência, sistematicamente assumida na correspondência epistolar, podendo esta ser simplesmente rematada por um “amigo e servidor de V. S.” ou “amigo e criado de V. M.”. Ou ainda como a que foi dirigida ao rei de Espanha e assinada pela mão do Infante D. Manuel em 1741, um “humildisimo y fidelissimo esclavo”. Importa aqui sublinhar que o conceito de “criado” podia incluir a própria nobreza. Estes homens ao fazerem parte de uma casa, seja a do rei ou do camponês, ligavam a ela o seu destino e dedicavam-se inteiramente ao seu amo.

Esta tradição de serviço foi considerada por Hugo Grócio como a mais ignóbil e escandalosa forma de sujeição. Nesta afirmação, põe em causa toda a organização da

sociedade corporativa, atingindo o cerne da identidade aristocrática e em última análise das monarquias. Devemos precisamente aos humanistas, a revelação da incapacidade dos criados para dispor livremente do seu destino, apontando-lhes o caminho para a sua emancipação. Importa assim conhecer as razões que motivaram tamanha hostilidade que punha em causa um certo conceito de serviço ligado a laços afectivos.

Palavras-chave: Escravo; Criado; Sociedade Corporativa; Antropologia Política.